

Taubaté, 18,1,1907

Rangel:

Estou seriamente endividado para contigo, em cartas, livros, cumprimento de promessas, pedaços do *Queijo*... Mas explica-se a má finança. O mês de dezembro passei-o todo fora daqui, em S. Paulo e no Oeste. Corri as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocabana, com paradas nas inconcebíveis cidades que da noite para o dia o Café criou\_ S. Carlos, um lugarejo de ontem, hoje com 40 mil almas; Ribeirão Preto, com 60 mil; Araraquara, Piracicaba e formosas outras. Vim de lá maravilhado e todo semeado de coragens novas, pois em toda a região da Terra Roxa\_ um pouco oxidado de ferro\_ recebi nas ventas um bafo de seiva, com pronunciado sabor de riqueza latente.

Em Ribeirão, a colheita do município foi o ano passado de 4 e meio milhões de arrobas\_ coisa fabulosa e nunca vista. Um fazendeiro, o Schmidt, colheu, só ele, 900.000 arrobas. Costumes, hábitos, ideias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho S. Paulo e da tua Minas. Em Ribeirão dizem que ha 800 “mulheres da vida”, todas “estrangeiras e caras”. Ninguém “ama” ali á nacional. O Moulin Rouge funciona ha 12 anos e importa champanha e francesas diretamente.

A terra-chão, porém, é uma calamidade\_ “enferruja”, isto é, avermelha todas as pessoas e coisas, desde a fachada das casas até o nariz dos prefeitos. Vai um pacotinho de amostra. Não pense que é tinta, não.

Lá ninguém *mora*, apenas *estaciona* para ganhar dinheiro. Esse meu longo passeio de 3.453 quilômetros de via ferrea buliu muito com as minhas ideias. Tenho que estacionar lá também, Rangel. Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão ou coisa equivalente. Nesta cidade encontrei o Albino e o Tito como fiscal do tracoma, mas sempre alegre, feliz, gastronomico. Albino está na transição do 5º anista para o advogado e já advoga.

Saiamos destas nossas cidades cloróticas, Rangel, onde não dá italiano. Se permaneces por aí nessa Minas, acabas criando urupês na raiz da alma, ficas todo musgo e limos na faculdade da ação e quando deres acordo estás como o Rubião, apagado e sarrento como ele. E por falar no velho Rubião, não terá ele papelada antiga em que ninguém ainda mexeu? Vê isso, e se tem, pede-lhe para catar os selos. Dou-te uma coleção completa das obras de Balzac em troca dos selos que houver na papelada do Rubião. Dele ou de qualquer outro velho daí. Sempre tive a mania dos selos. Mando o 1º volume dum Dickens. Se gostares irá o 2º. E *Religiões do Rio*, do João do Rio\_ queres? Breve seguirá uma obra prima, o *Livro da Jungle*, do Kipling. É do Albino. Não ha nas livrarias de S. Paulo. E você o recambiará diretamente ao Albino, em Ribeirão.

Ha aqui meia duzia de meninas encantadoras com as quais dansamos no Clube. Ha a genial dona Stelia, pintora, que segue em março para o Velho Mundo, a cursar o Atelier Julien e voltar de lá genio de primeira classe. É a que me provocou aquele artigo: “No atelier de Dona Stelia”\_ leste? Outra é Miss Farfala, uma timidez toda brancuras de côco, ultra-fina, professora por luxo, como nós somos bachareis por desfastio. Pastoral de Virgilio. E ha a Miss Flirt, e a Mercedes e a Guiomar, e a encantadora palmeirinha humana Bébé\_ tantas, Rangel, e tão mimosas, tão casadoiras, que a gente acaba amaldiçoando a monogamia.

O clima daqui atrai gente de fora. Afluem familias do Rio e S. Paulo, gente fina, com botõesinhos assim. E dança-se muito. Você aqui produziria um tratado sobre o flirt nacional.

LOBATO